

Indígenas Contemporâneos¹

Tainah Menna Barreto de VILHENA²

Williame Brito da SILVA³

Danielle BASTOS⁴

Viviane Menna BARRETO⁵

Faculdade Estácio FAP, Belém, PA

RESUMO

A criação desta peça resumiu um percurso e uma preocupação. Unir fotografia, arte e comunicação para colaborar com a conscientização dos povos indígenas sobre a importância de se evitar o consumo de refrigerante e entender os malefícios do açúcar. Um problema contemporâneo que atinge os indígenas. O paper mostra o processo de criação de fotografia artística, contextualizada dentro de processo de produção e difusão a campanha contra diabetes realizada durante os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia artística; I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas; diabetes;

1 INTRODUÇÃO

Minha história com indígenas iniciou a partir de viagens para os IV Jogos Indígenas de Marudá quando fui trabalhar voluntariamente como attaché e por dez dias fui responsável pela relação entre os atletas da etnia Wai Wai e a coordenação do evento. Na ocasião pude ter contato com diversas etnias e meus sentimentos sobre os povos indígenas intensificaram-se. A sensação de descoberta de uma nova cultura foi aumentando à proporção que os dias iam passando. Fui para os Jogos Indígenas meio sem saber o que iria encontrar. Voltei dos Jogos com sede de viver mais intensamente esta cultura o que pude fazer em 2015 quando tive a chance de ir para os I Jogos Mundiais Indígenas em Palmas, Tocantins.

Neste paper iremos apresentar os processos de produção do trabalho de fotografia artística denominado “Indígenas Contemporâneos” que surgiu por meio de um trabalho

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade fotografia artística avulso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tainah.vilhena@hotmail.com

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Jornalismo, email: williamebrito@hotmail.com.

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso Jornalismo, email: danielle.bastos86.db@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC SP. Professora dos Cursos de Publicidade e Jornalismo email: vivimenna@uol.com.br.

integrado entre as disciplinas comunicação comunitária e fotografia jornalística e que tinha a proposta de aproximar os alunos da realidade das comunidades indígenas e estimular a prática de fotojornalismo. Fomos para os I Jogos Mundiais dos Povos indígenas com duas missões: levar uma campanha contra diabetes previamente criada em sala de aula e fotografar o evento mundial.

Desta experiência resultaram vários trabalhos fotográficos: aqui iremos apresentar como a partir de um trabalho de fotodocumentalismo chegamos a um trabalho artístico. Inicialmente tínhamos a missão de documentar o processo de comunicação sobre diabetes realizado pelos estudantes da Estácio com a comunidade indígena, mas no processo, fomos transformando um trabalho artístico para se adequar a diferentes situações encontradas no evento, sem perder o foco em chamar atenção diabetes, grave problema de saúde para os indígenas na contemporaneidade. Segundo Souza

O fotojornalista raramente sabe exatamente o que vai fotografar, como poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projeto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. Este background possibilita-lhe pensar no equipamento requerido e refletir sobre os diferentes estilos e pontos de vista de abordagem do assunto. (SOUZA, 2000, p.07)

Assim unimos os dois trabalhos o que facilitou nossa aproximação e abordagem da comunidade indígena.

Na campanha de comunicação um objeto tridimensional

Nosso grupo decidiu fugir dos banners, cartazes e folhetos e abordar os indígenas com uma peça de comunicação diferenciada, tridimensional composta por uma foto de um jovem indígena atingido por flecha revestida com rótulos de garrafas de refrigerante e latinhas. Embaixo da foto havia a inscrição: Você também vai querer levar esta flechada?

Na época 2015 estava sendo noticiado amplamente na mídia dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que apontavam o crescimento alarmante do número de índios vitima da diabetes devido ao consumo de refrigerante e comidas industrializadas. Segundo Arsa (2009, p.2)

O Diabetes Mellitus (DM) é uma doença endócrina caracterizada por um grupo de desordens metabólicas, incluindo elevada glicemia de jejum (hiperglicemia) e elevação das concentrações de glicose sanguínea pós-prandial, devido a uma menor sensibilidade insulínica em seus tecidos alvo e/ou por reduzida secreção de insulina¹. De acordo com a ADA1, existem 4 classificações de DM: tipo 1 ou insulino-dependente (DM1); tipo 2 ou não insulino-dependente (DM2); gestacional; e secundário a outras patologias. Independente da classificação, a principal característica do DM é a manutenção da glicemia em níveis acima dos valores considerados normais. O retardo para o início do tratamento do DM pode acarretar no desenvolvimento de doenças cardiovasculares, retinopatias, neuropatias autonômicas e periféricas, nefropatias, doença vascular periférica, aterosclerose, doença cerebrovascular, hipertensão, susceptibilidade a infecções e doenças periodontais. O DM tipo 2 é associado a fenótipos como o sedentarismo e a obesidade, e esses fenótipos interagem com alguns genes que podem ser responsáveis por uma maior susceptibilidade a essa patologia.

Neste caso a fotografia foi parte integrante da obra de arte e virou instalação e ferramenta de comunicação. Segundo Tedesco (2004, p.1) a definição de categorias para se classificar a obra de arte enquanto escultura, instalação, objeto, nem sempre importa. A definição desses conceitos pode parecer um debate ultrapassado, ou, ainda, um assunto que interesse a críticos e curadores, mas iremos trazer esta conceituação para iniciar o diálogo sobre como o suporte utilizado nesta peça ressignificou fotografia e arte.

O trabalho objeto deste paper foi exposto inicialmente em espaço de circulação para indígenas que se reuniram em Palmas nos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas(JMPI) que aconteceu entre 23 de outubro e 1 de dezembro de 2015 e atingiu mais de dois mil atletas indígenas de 30 países além dos povos do Brasil entre os quais Assurini, Bororo Boe, Guarani Kaiowá, Javaé Itya Mahãdu, Kamayura, Krajá, Kayapó Mebêngôkre, Kyikatêjê/Parakatêjê, Pataxó, Terena, Wai Wai entre outros.

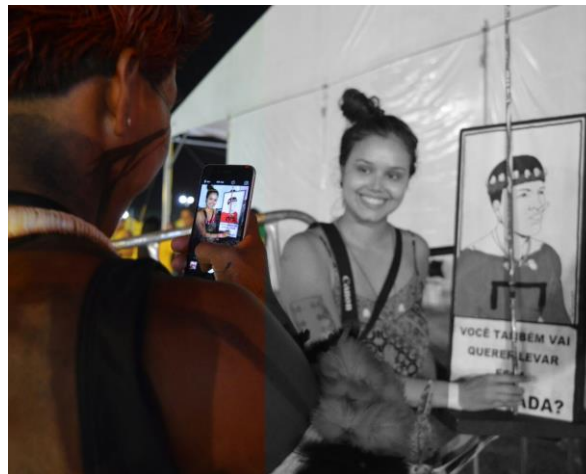
Dificuldades e reformulações

No início, fotografar nos Jogos Mundiais foi difícil. Grande parte do público estava tendo dificuldade em entrar no evento e havia uma tensão crescente no ar. Indígenas e não indígenas não tinham acesso ao espaço dos jogos, onde iriam acontecer às competições, a arena das competições estava tendo acesso restrito a um número determinado de indígenas por etnia e a quem possuía credenciamento ou convite.



Figura 1 equipe que viajou para Palmas apresenta as peças criadas para a comunidade indígena

Dessa forma, muitos indígenas da etnia Pataxó ficaram de fora até a abertura oficial do evento acontecer. Diante do clima de protestos avaliamos que nossa instalação poderia ser mal interpretada pelos indígenas por dois motivos: primeiro porque na foto utilizada na instalação era um indígena Pataxó e segundo porque na instalação esse indígena era flechado. Então decidimos substituir a foto por um desenho.



Com este novo formato, levamos essa peça para ser exposta na arena dos jogos, na oca central e travamos vários diálogos com indígenas de diversas etnias que resultaram em várias fotografias entre as quais a versão final apresentada a seguir que pretende ser uma síntese deste processo e desta proposta.

Na terceira etapa da transformação da instalação, ela vira fotomontagem reunindo em uma única imagem o objeto inicial com a foto do Pataxó, indígenas, refrigerantes e cartazes em fusão com uma imagem de células de uma pessoa com diabetes.



2 OBJETIVO

Refletir sobre processos de transformação da instalação fotográfica levada para os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

3 JUSTIFICATIVA

A importância do trabalho reside na narrativa de buscas de caminhos para se criar um canal de comunicação que provoque uma reflexão sobre o consumo de refrigerante e consequentemente sobre a diabetes – doença silenciosa que esta atingindo os povos indígenas e causando diversos males entre os quais, cegueira, amputação de membros e até

a morte. Levar a instalação para os I Jogos Mundiais de Palmas significou a possibilidade de atingir indígenas do mundo inteiro reunidos em um único evento durante uma semana. A escolha da instalação foi de encontro ao objetivo de encontrar algo que pudesse chamar atenção. Buscamos criar algo tridimensional pela questão da estrutura diferenciada que já chama atenção e dá maior destaque a mensagem que qualquer informativo. E como usamos elementos indígenas pensamos em conseguir atingir melhor o público uma vez que a flecha, objeto daquela cultura, atravessava a escultura e podia ser avistada por todos os ângulos. A fotografia escolhida buscou concentrar em uma imagem a figura de um indígena jovem que tivesse preparado para a festa e com muitos acessórios. A foto deveria ter bastante contraste, muitos traços e ser ricas em detalhes. A escolha da foto de um homem deu-se uma vez que na maioria das etnias as lideranças são masculinas. Pretendemos usar um homem jovem sinalizando que esta doença pode atingir até os guerreiros mais fortes e mais jovens. Substituir a fotografia por um desenho foi uma adequação estratégica diante da tensão que ocorreu na abertura do evento.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Nossa pesquisa é qualitativa. Entrevistamos indígenas e lideranças como Marcos Terena e Carlos Terena e mergulhamos no universo dos jogos indígenas, segundo Duarte (2002 p.3)

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado

Para chegar a compreensão mais ampla da problemática abordada, usamos as técnicas de pesquisa online e bibliográfica. Por meio da pesquisa online me aprofundei sobre a linguagem dos indígenas para obter mais adesão para a mensagem, descobrir quais foram as mudanças de hábitos alimentares nas aldeias que vem gerando o alto índice de diabetes entre os indígenas. Conhecendo a doença e relacionando os sintomas mais comuns entre os indígenas através de comparações com dados publicados pude utilizar essa informação nas apresentações das ações contra diabetes realizadas nos Jogos Mundiais e assim chamar a atenção.

Além disso, utilizamos a pesquisa online na criação da foto artística tanto na pesquisa de fotografias de células de portadores de diabéticos como na busca de aplicativos para

tratamento e manipulação da foto artística. Para Mendes (2009, p.3) apud Freitas et al. (2004), a pesquisa online

Oferece uma série de vantagens sobre as demais pesquisas qualitativas. Segundo os autores, o pesquisador tem a possibilidade de utilizar recursos que, em um processo normal de pesquisa, não seriam possíveis. Além disso, o respondente, por sua vez, recebe estímulos de várias ordens, podendo ser visuais, sonoros etc., que o incentivam a participar. Também pesa a favor do pesquisador a facilidade com que tudo isso é feito e, a favor do respondente, a liberdade de participar quando lhe for mais conveniente.

Utilizamos também a técnica de entrevista para entender melhor o universo do indígenas e traduzir a mensagem para diversas línguas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO



A foto acima apresentada é uma síntese artística do processo de transformação de uma instalação (objeto1) de cerca de 0,50 cm criada para conscientizar a população indígena sobre os riscos de se contrair diabetes diante do elevado consumo de refrigerante

Nesta foto síntese aparece objeto 1, o refrigerante, e o indígena encobertos pelas manchas vermelhas e lilás da célula atingida pela diabetes

Inicialmente a peça exibia uma fotografia de um jovem indígena da etnia Pataxó utilizando colares e cocares. A imagem estava perfurada na boca por flecha autêntica revestida com rótulos de garrafas de refrigerante.

Para realizar a proposta selecionamos uma foto de indígena entre mais de centenas de fotos resultantes da cobertura de fotojornalismo realizada durante IV Jogos indígenas de Marudá.

A imagem escolhida buscou expressar traços fortes de um guerreiro, fazendo a comparação com até o guerreiro mais forte pode cair nas tentações da sociedade industrial

A instalação foi exposta por poucos momentos durante a abertura dos I Jogos Mundiais dos Povos indígenas, logo substituímos esta foto por um desenho do artista plástico Shikama que acompanhava a ação e a peça. E a flecha não mais atingia o indígena mas aparecia como elemento complementar a fotografia.



A peça então ficou exposta em conjunto com outras peças produzidas por estudantes de comunicação da Estácio FAP na arena do evento e na oca central do evento – espaço destinado as apresentações culturais.

Finalmente na ultima etapa do processo retornamos a imagem inicial do objeto com a foto do Pataxó, mas desta vez desfocamos fizemos a fusão de 3 imagens.

A imagem do objeto 1 e somamos mais signos da campanha- indígenas, garrafa de refrigerante, outro cartaz – e colocamos uma célula de um individuo com diabetes como um filtro nessa imagem.

6 CONSIDERAÇÕES

Se por um lado optamos por uma comunicação de certa forma inusitada artística e agressiva por outro tivemos interessantes resultados com esse processo de transformação da peça original. Segundo Jeremias Xavante que esteve nos Jogos, foi

Muito bom termos ações como essa, porque é um problema que nós estamos enfrentando e precisa realmente de uma campanha forte contra a diabetes. Já foi provado que faz muito mal tomar refrigerante e nossos índios mais velhos estão com essa doença, tenho certeza que a campanha fez muito efeito.

Outro indígena, também do Mato Grosso, enfatizou.

“Nós estamos trocando a comida tradicional pela artificial, trocando água por com bebida alcoólica e refrigerante, e outros alimentos, tudo com mais açúcar e sal. Precisamos saber que na boca a comida é sempre gostosa, mas no organismo não”.

Neste percurso optamos por utilizar um desenho, uma foto ou a imagem de uma célula de um indivíduo com diabetes que funcionou como uma camada/filtro por meio do que pudemos por um lado sintetizar a ação toda. E por outro lado com esta foto apresentamos uma solução fotográfica para o problema vivenciado onde a flecha não é mais tridimensional, e essa bidimensionalidade aparece acentuada pelos tons vermelhos e lilás das manchas da célula que dão forte impacto para a imagem desta doença capaz de mutilar e até matar silenciosamente até os mais bravos guerreiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARSA, Gisela et al. Diabetes Mellitus tipo 2: Aspectos fisiológicos, genéticos e formas de exercício físico para seu controle. **Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum**, v. 11, n. 1, p. 103-111, 2009. Disponível em:

file:///C:/Users/Tainah/Downloads/Diabetes%20Mellitus%20tipo%202%20Aspectos%20fisio%20C3%B3gicos,.pdf. Acesso em: 15 abril de 2016

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115>>. Acesso em: 26 maio 2016.

FREITAS, H.; JANISSEKMUNIZ, R.; ANDRIOTTI, F. K.; FREITAS, P.; COSTA, R. S. Pesquisa via Internet: características, processo e interface. Revista Eletrônica GIANTI, Porto Alegre, 2004, 11p.
<http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf> Acesso em: 15 abril de 2016

LEPRUN, Sylviane. **Maneiras de instalações**. Porto Arte, v. 10, n. 18, 1999.

TEDESCO, Elaine. **Instalação**: campo de relações. Texto elaborado por ocasião da disciplina de Especialização no Curso de Especialização em Ensino da Arte na FEEVALE, 2004.

MENDES, Conrado Moreira. A PESQUISA ONLINE: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Revista Hipertextus**, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2016.